

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«...ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus»

ID. 13. 14.



S. BENTO, PATRIARCHA DOS MONGES DO OCCIDENTE

SUMMARIO: Secção Religiosa: *Gottas de balsamo*.—Secção Critica: *A educação e os exames officiaes*, pelo Padre J. A. R.; *Imprensa jornalística*, por M. C.; *Padre Agostinho de Montefeltro*.—Secção Bibliographica.—Secção Illustrada, por R.—Secção Necrologica, por um padre do Seminario.—Secção Litteraria: *Ao convento de Santa Clara*, pelo Dr. J. R. C.—Retrospecto, por F.—Variedades: *Lição de Mestre*, por Cesar Carmo.

Gravuras: *S. Bento, Patriarcha dos monges do Occidente; Nas cataoumbas*.

A Monsenhor Dominico Jacobini, Arcebispo de Tyro e muito digno Nuncio Apostolico em Portugal apresenta o «Progresso Catholico» suas homenagens protestando continua e incondicional obediencia.

SECÇÃO RELIGIOSA

Gottas de balsamo

Conselhos de Maria sobre a vocação:

—Meu filho, chamaste por mim; eis-me a teu lado para servir-te de mãe na circumstancia mais decisiva da tua vida.

—A tua alma procura a felicidade e a paz; ora a felicidade e a paz só poderás possuil-as, encontrando a Deus. E encontrarás a Deus, possuirás a Deus, cumprindo sua vontade. Cumpres a vontade de Deus, seguindo a vocação a que és chamado, e desempenhando as obrigações que lhe são inherentes.

—Has de conhecer tua vocação: 1.º Pela oração assidua feita para este fim. por novenas e repetidas communhões fervorosas; 2.º Pela voz da auctoridade divina, que fala por um director piedoso, esclarecido, experimentado, consultado expressamente para este fim; 3.º Tendo orado assim, e escutadas as palavras do director, não ha que hesitar: cumpre obedecer sem demora, apesar das repugnancias da natureza e de todas as opposições e lagrimas da familia.

SECÇÃO CRITICA

A educação e os exames officiaes

Dê-se o ensino, mas não se lancem peias ao estudo.

(Relatorio do Lyceu nacional de Lisboa em 1869).

ENTRE as questões que d'um modo especialissimo tem chamado a attenção dos pensadores, prometendo prendel-a ainda por largo espaço, avulta uma, aos olhos de todos, que por grandemente vital nos impul-

sa a algumas considerações. exhibidas a correr, profundamente sinceras, e nascidas, verdade seja, de amido havermos escutado o gemer da sociedade que se queixa, unisona e unanime, d'um mal-estar que pouquissimos talvez tenham devéras aneado remediar. Esta questão já os leitores a estão indigitando: é simplesmente a momentosa questão da educação e do ensino.

Qual o mais edoneo methodo de ensino? Quaes os meios mais aptos para obtermos o desinvolvimento mais prompto, mais completo, das faculdades em flor na creança? Como preparar-lhe ambiente, exercitar-lhe forças, que a levem á illustração a que tem jus, ao omnimodo aperfeiçoamento? Como attingir a perfectibilidade moral, scientifica, religiosa e civil?

Eis o problema que está pedindo o maximo cuidado, que merece acuradissimo estudo, já que da sua errada ou exacta solução está pendente a decadencia precipitada e fatal ou a grandeza progressiva das nações.

A alma despona á luz quando n'ella embryonam ainda os elementos imperfeitos do homem do porvir. Argilla informe e rude, jamais n'ella teremos de contemplar os contornos regulares de estatua que se admire, se mão de artifice intelligente e dextro a não emolda, a não debasta e pule. E se para da materia bruta se edificar obra primorosa se ha mister de sublimada pericia, o que será da alma juvenil, estatua viva de primor inqualificavel? Ah! o amanhã, a configuração, os toques graciosos e firmes, os tons cheios de expressão e vida, incultidos a essa substancia delicadissima, caracteristico precioso a distinguir fundamentalmente o homem entre os demais seres da criação, constituem a mais melindrosa, mais elevada e mais importante função que na terra se pôde executar: *Ars artium regimen animarum*.

Nascem eguaes os homens; a educação os differença. Distancia desmesurada vai entre a indole, a aspiração, a competencia do europeu, e a do sertanejo do negro continente. Quem pois lançou essa distancia? A educação tão sómente. O infante oriundo do typo que attingiu o apice do aperfeiçoamento humano, entregue desde o nascimento a uma tribu de canibaes, saboreará bem depressa, sem escrupulo nem repugnancia, sofrega e deliciosamente, as carnes palpitantes do infeliz caído

prisioneiro de guerra. E' actualmente sentir quasi geral, que a escola é a officina mysteriosa onde se aperfeiçoam e exornam as faculdades animicas do homem, e consequentemente pela só perfeição da escola se alcança a realisação completa do fim supremo da educação: «Le premier pays du monde est celui qui possède les meilleures écoles; s'il ne l'est pas aujourd'hui, il le sera demain,» escreveu Julio Simon. Acertada fóra a asserção do auctor mencionado, se a illustração bastasse ao engrandecimento do homem. Não é porém assim; e muita razão tinha Montaigne ao dizer: «Adquirir conhecimentos scientificos é inutil, e até perigoso, se ao mesmo tempo não aprendermos o cultivo da honradez e dignidade». Por sem duvida que na escola deparamos um elemento valiosissimo de educação, de influencia extrema na formação, ou antes no aperfeiçoamento dos espiritos juvenis. Mas não nos contentemos com isso. Como nas combinações chemicas, um elemento que falte é bastante para impedir a composição que se deseja. E' ainda Montaigne quem afirma serem tres os simples ponderosos constitutivos da complexidade da educação: FAMILIA, ESCOLA, SOCIEDADE.

Na familia assentam-se as bases, cimentam-se os alicerces da obra auspiciosa do futuro; o vigor do pae, os affagos da mãe, começam dando feição áquella mimosa entidadesinha, que desde já vai revestindo uns longes de personalidade do que mais tarde pôde bem ser que seja um Vicente de Paulo ou um Tropman.

Ai d'aquelle que descura os primeiros esboços do quadro que intenta produzir! Se os deixa desordenados, não ha conseguir obra que lhe valha applausos. Mas este trabalho primordial, fundamento de todos os demais, em cujas mãos o depoz a Providencia, senão nas delicadas mãos da familia? sob que vistas se ha de desenvolver, senão sob os olhares paternos? d'onde o calor que o fecunda, senão o d'um coração de mãe? As impressões recebidas na infancia são as que mais indelevelmente se gravam na alma, e pelo consequente as que predominam pela vida além. São como que o primeiro cunho produzido no molde, ou a imagem incidida no cliché; cujas imperfeições mal poderá mais tarde disfarçar o esforço do artista. Razão tinham pois os antigos para nos

frizarem esta verdade com dizer: *Maxima debetur pueris reverentia.*

Merece lástima o homem a quem foi negada esta parte da educação que lhe devia temperar o character, ou que a recebeu imperfeita, cheia de molleza, eivada do luxo, deturpada de mimos que affrouxam ou severidades que enervam, saturada de caprichos e paixõesinhas, que não rebatidas a tempo fazem d'elle um tyrannete no seio da familia, vergonha e açoite d'ella mesma, intoleravel a si, e escandalo perenne entre a sociedade.

Desventurosamente, a educação enérgica, que outr'ora formara homens plenos de probidade, de integridade e valor, cujos typos vão de mais em mais rareando nos tempos hodiernos, vai-se tornando obsoleta, dando vez a outra educação (que chamamos antes *criação*) capaz de formar uns rostosinhos mimosos que dariam uns primores photographicos, mas não uns coraçõezinhos onde alfoutamente se podesse lançar o germen das virtudes, nem umas cabezinhas d'onde na virilidade podessem surgir as idéas nobres que fizeram dos nossos maiores o assombro de todas as nações. Sem approvar as durezas d'outr'ora, contamos todavia herões nascidos d'entre ellas, ao passo que das mollezas do seculo que vai correndo ninguem vê que destaquem vultos que bem mereçam meia pagina da Historia.

E' que os paes, geralmente, e infelizmente, á força de quererem ser bondosos, vieram (é pena que se diga) a ser simplesmente bonacheirões — *crudeliter pii* — na expressão d'um grande philosopho da antiguidade. Abundam os que possuem a candida fé de que se desquittam da altissima missão paternal com mandarem seus filhos a um bom collegio! E' erro palmar, de consequências funestas, pois nada faz o collegio, se a materia prima lhe é confiada em estado de deterioração, ou a familia, onde talvez as maximas e os exemplos não sejam para seguir, não coopera a passo igual com os disvelos do collegio. Vai mais longe, assás mais longe, o alcance da educação; quer mais sacrificios, exige mais esforços, sem que lhe bastem os cobres com que se estipendiam os suores de perceptores mais ou menos habeis, mais ou menos dedicados. E' por certo a educação dos filhos o fim supremo da paternidade, e quando acuradamente desempenhada, que triumpho para os mesmos paes, cuja recompensa, cujo thesouro, cuja gloria, se achará concentrada na ventura que lhe serão os proprios filhos?

Oh! se um dia vissemos a eschola e a familia de mãos dadas na elaboração do desinvolvimento espirital da infancia, que futuro de prosperidade não

preparariamos ás gerações vindouras? A eschola é o prolongamento, a expansão da familia. Os principios que uma segue, são os que regulam a outra. N'esta e n'aquella ha de vigorar o respeito, a auctoridade paternal, o decoro summo, emfim o complexo de todas as virtudes. A familia delinhe; a eschola desinvolve e aperfeiçoa; a sociedade vem depois completar. Esta, herdeira de todas as conquistas do espirito humano, usufructuaria de todos os progressos realizados nos seculos idos, opulenta de todas as riquezas das gerações que fôram, tem que ministrar esses thesouros aos filhos que hoje se lhe vem sentar á mesa do festim, tem que os saciar das virtudes que lhes dão a força e dos progressos que os incitam a desinvolvê-la. «Mas—diz-nos ainda Montaigne sem poder occultar magua profunda—hoje, infelizmente, a influencia da sociedade exerce-se d'um modo fatal e funestissimo para o coração da juventude.» Destroe o que planeou a familia e edificou a eschola.

Os traços que ahi ficam, revelam-nos de sobra quanto é difficil educar no meio dos perigos que salteiam a mocidade desde o berço até sua completa formação. A custo, em nossos dias, se encontram reunidas as condições indispensaveis para se conquistar um resultado completo. Feliz o joven para quem a familia e a eschola fossem verdadeiro santuario, d'onde ao sair para achar-se em frente da sociedade que intentarã dominar-o, levasse armadura devéras resistente, com que saísse victorioso da lucta que lhe é preparada.

(Continua)

P.º J. A. R.

Imprensa jornalística

Não sei se n'isto me engano, está-me porém parecendo que 'inda ha-de a critica historica apurar, quando tiver lançado no seu cadinho a massa dos factos d'estes nossos tempos, que um dos mais poderosos factores do mal no seculo XIX foi o jornal.

Isto, que a muitos acaso parecerá a modo de paradoxo, tenho eu na conta de verdade extreme, de facil constatação e confirmada invariavelmente em cada dia.

Tomemos pelo caminho especulativo e philosophemos a cousa:

O que poderá ser afinal de contas uma gazeta diaria?

—Especie de padaria, distribuindo de manhã ou de tarde pelos freguezes o pão. E este pão do espirito certamente não requer menos escrupulo na

escolha da materia prima, e na manipulação d'ella, que o outro.

Se é destinado para alimento d'uma substancia bem mais delicada, cujas infermidades põem em risco interesses de ordem superior, os temporaes e os eternos! E as cousas teem chegado a ponto que, segundo deprehendo dos proprios jornaes, se não devem queixar do *simile* os jornalistas, senão os padeiros.

Tanta e tam grossa avaria tem soffrido, no conceito da gente seria, a instituição jornalística, que até os proprios interessados em momentos de apuros o reconhecem!

Em terras de mediana civilização sempre se olhou por que seja bem servido de pão o publico, e retirados do commercio os alimentos falsificados ou deteriorados; emquanto que nenhum pelouro municipal tem 'inda a seu cargo vigiar, e bem n'õ merecia, os fornecimentos do espirito publico.

—Que o não tolera a liberdade de pensamento? seja; mas por que titulo deverá ter maior liberdade o commercio do pensamento que o do pão?

—E' que o pensamento alheio passa pelo nosso, que pôde assimilar-o ou não; emquanto que o pão...

—Pôde ser tomado ou rejeitado á mercê do comprador. Tambem passa pelo nosso pensamento antes d'entrar no estomago.

—E' genero de primeira necessidade o pão, não sabia? Ora imagine todo o pão fabricado de substancias nocivas, ou estragado por desmazelo na manipulação, como escapar ao perigo?

—O mesmo com a gazeta diaria, ingerida, salvo seja! todos os dias automaticamente, e diglutida sem pestanejar com todo o *recheio* abominavel de coisas sem nome. Acaso ignora que o espirito padece duas fomes e sedes periodicas, antes diarias (sem equivoco) e ha-de alimentar-se custe o que custar? Outra differença não acho senão em a natureza do alimento; pois emquanto que pôde com pão *sadio* e gazeta *avariada* viver o homem animal, a *bézia* do homem, como dizia Xavier de Maistre, o homem homem, o homem intelligente e livre, temeramente invenenado quotidianamente com essas drogas de má lei, que lhe falseiam o juizo e corrompem o coração á força d'insanidades de toda a especie. E como qual seria, quando a precipitação com que se faz a folha sem tempo de amadurecer os juizos, o nenhum escrupulo na escolha do pessoal redactor, arvorando-se em jornalista o primeiro que chega com a veneta para isso, o espirito de ganancia e o de facção ou seita nos empregarios, o rapido e immensamente complicado trama dos acontecimentos requerendo do jornalista

juizo prompto e seguro, a opinião desvairada do publico, mórmente da massa dos assignantes, que por uma lei conhecida reage agora sobre a do gazeteiro impellido-a n'uma direcção dada—tudo isto e muito mais que omitto ha-de fatalmente produzir seu effeito. Effeito mixto d'allucinação apaixonada, d'erro involuntario, de prejuizos inveterados, de dobléz de caracter, de descrença religiosa e scepticismo cynico, de multiforme perversidade moral, que se alastra intensamente por todas as camadas sociaes, causando estragos maiores na mais numerosa—a dos ignorantes, sem poder innocentar-se entre os mesmos illustrados.

Aqui duas paixões desordenadas surgem defronte uma da outra, chamando-se e alimentando-se mutuamente com profundo prejuizo da instituição jornalística:

E' a excessiva avidéz de *noticias* e *noticias* de sensação, apimentadas d'escandalo podendo ser, que excita est'outra avidéz não menos excessiva, a do *lucro*. E' hoje o jornal, por via de regra, uma empresa industrial, uma fabrica ou mina ou companhia exploradora, e como tal á vantajosa e prompta collocação de seus productos visa exclusivamente, ou subordina intuitos d'ordem secundaria: enriquecer é seu fito principal ou unico.

N'uma sociedade como a nossa, estes dois factores parecem-me de sobra para explicar o phenomeno da depravação moral da gazeta. Não rejeitam comtudo a parceria d'outros factores congeneres, anichados no jornal como os ovos de certos insectos no corpo semi-morto de succulentas larvas. Depois da ganancia e talvez antes, sua irmã a ambição.

Quantas vezes não é o jornal ponto de partida ou degrão para subir nos cargos publicos?

Subir primeiro na opinião dos frequentes da gazeta; depois na estima, dedicacão dos mesmos, dos leitores ignaros que hão fundar *centros* e caminhar em fila cerrada no dia da eleição, e esfalfar pulmões e fazenda em favor do seu homem; e afinal impôr-se aos *governantes*; que vivem da opinião, e a opinião é fabricada no jornal como todos sabem.

Ahi está que não só cada partido, mesmo cada partidario de maior tomo ha-de ter jornal seu, creador e mantenedor da celebridade propria, convertido em porta-voz não da verdade, da justiça ou dos interesses da patria, senão das paixões ou interesses particulares. Machinismo labutando dia e noite em puro proveito d'estes senhores feudaes do seculo XIX, para que tenham abundancia de oiro, recursos, celebridade, influencia, hon-

ras, mando; emquanto moirejam os servos na penuria de bens do corpo e da alma, umbelicados com palavões sonoros e ócos. Era d'esperar. Veremos isso miudamente para outra vez.

M. C.

Padre Agostinho de Montefeltro

(Continuado do n.º 9)

Estas manifestações ruidosas em uma igreja, parecem na verdade uma profanação; mas quem ouvir uma vez o P. Agostinho convence-se de que são unicamente um effeito de transportes irresistiveis suscitados no immenso auditorio; e a prova d'isto é que os applausos são sempre precedidos d'uma exclamação geral em toda a igreja. E se a eloquencia do grande franciscano arrebatava a gente mais grave, se temos observado ecclesiasticos venerandos levantarem instinctivamente exclamações e não poderem conter movimentos de transporte; que admira que rebentem laes explosões d'enthusiasmo no meio d'um auditorio, onde a juventude ardente occupa talvez o primeiro logar? A algumas pessoas que deploravam isto como uma falta de respeito no templo, ouvimos confessar, depois que ouviram um sermão, que na verdade o facto era muito natural.

Um dia o Arcebispo de Senna, Monsenhor Pierallini, tendo convidado o P. Agostinho para prégar na sua cathedral, manifestou-lhe o desgosto que teria se rebentassem applausos no templo, e pediu-lhe que, antes do sermão, recomendasse ao povo o respeito da casa de Deus e procurasse impedir qualquer demonstração na igreja. O P. Agostinho cumpriu os desejos do prelado, e o povo conservou o silencio. Mas de repente, no meio do sermão, em um d'aquelles momentos em que o P. Agostinho arrebatava os corações, o Arcebispo ergue-se em pé batendo as mãos e acclamando o prégador. O sermão continuou no meio de applausos, dos quaes o mesmo prelado, por um impeto irresistivel, tinha dado o exemplo.

O P. Agostinho não procura a fama de grande orador; não procura a gloria de Bourdaloue, de Segneri, de Lacordaire, de Monsabré. O seu systema de prégar é o mais simples; os seus argumentos são breves; sem ornamentos d'oratoria, sem palavras extranhas, sem alguma pompa ou affectação.

E comtudo nem Bourdaloue, nem Se-

gneri, nem Lacordaire, nem Monsabré, nem algum outro dos mais celebres oradores sagrados tiveram triumphos maiores que os do P. Agostinho. Ha seculos que a Italia não viu um facto semelhante. «Elle préga nos centros mais illuminados, diz um escriptor illustre, préga em Florença, em Turim, em Bolonha, em toda a parte faz ouvir durissimas verdades, e suscita o maior enthusiasmo, e impõe-se aos inimigos da nossa religião. Quem viu jamais um acontecimento como foi a sua prégação em Roma! No coração da nova Italia, ninho da maçonaria e do livre pensamento, das seitas protestantes, elle é levado em triumpho, passa victorioso sobre o odio dos sectarios, e arranca das garras do demonio grande numero de almas. A Italia, e talvez a Europa, não recordam ha muito tempo outro homem que como orador tenha tido tantos triumphos, e como apostolo tenha colhido maiores fructos de salvação; um homem em quem a vocação divina se tenha manifestado mais claramente, e em quem se veja d'um modo tão evidente a graça do Senhor.» (1)

Quando o P. Agostinho prégo em Pisa, a universidade teve de fechar-se porque os estudantes abandonavam as eschololas para ir apinhar-se em redor da cadeira do humilde franciscano; em Bolonha o general Quissiana mandava um dia todo o regimento d'infantaria n.º 37 ao sermão do P. Agostinho; em Turim foi necessario chamar a tropa para impedir que lhe tirassem os cavallos da carruagem e o conduzissem em triumpho; em Milão a aristocracia manda cunhar em sua honra uma medalha d'ouro.

«Alguem tinha predicto, continua o citado escriptor, que em Roma, na cidade das grandes memorias, a palavra do humilde franciscano seria acolhida com maior frieza e indifferença, e que o seu nome ia perder-se no meio da phalange de tantos outros oradores illustres que tõem prégado na cidade eterna. Succedeu inteiramente o contrario. Somem-se os nomes dos outros oradores, mas o nome do P. Agostinho corre pela bocca de todos; a multidão apinha-se todos os dias para ouvir-o, e a sua prégação suscita um enthusiasmo que excede tudo o que se pode imaginar.» (2)

E na verdade tal foi o delirio que causou em Roma a prégação do eminente franciscano, que um dos órgãos mais graves da politica escrevia: «Este phenomeno singular e extraordinario que se vê em Roma, ha mais d'um mez, chama as atenções dos homens

(1) *Ateneo Religioso* de 7 de Abril de 1889, fasc. 1064.

(2) *Ibid.*

«reflexivos, e merece ser estudado e meditado.» (1)

(Continúa)

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

«O Mez de outubro, ou Mez do Santissimo Rosario, coordenado pelo Padre José Marcellino de Sousa Bittencourt, Conego Prebendado e cura da Sancta Igreja Cathedral, diocese de S. Pedro do Rio Grande do Sul, Cavalleiro da Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo do Brazil, Commendador da Real Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, etc. Segunda edição—Porto Alegre—Brazil.» É devocionario precioso, muito portatil, grandemente instructivo sobre as prerogativas da Sancta Virgem. Expõe para cada dia uma instrução fervorosa e um exemplo edificante, cuja leitura perfuma o coração e o espirito das virtudes sublimes da que foi toda bella e isempta da mácula original. Sobre os exercicios peculiares do mez de outubro, expõe o methodo de assistir á missa, grande numero de orações e canticos selectos, o que explica a rapidez com que se esgottou a primeira edição.

«Dicionario Latino-Portuguez, etymologico, prosodico e orthographico—Companhia Nacional Editora, successora de David Corazzi e Justino Guedes, rua da Atalaya, 40 a 52, Lisboa. Preço—600 rs.» A modicidade do preço, a par d'um formato reduzido, que faz um livrinho de algibeira do gordo tomo do lexicon d'outr'ora, torna altamente recommendavel o presente volume, podendo esperar-se um rapido consummo aos 20:000 exemplares da primeira edição.

«Os Admiradores da Lua, por Leo Taxil e Tony Gall—Historia divertida d'uma loja de franc-maçoes, versão de F. Pacheco.» Em seguida á publicação dos *Assassinatos Maçonicos*, onde o incançavel auctor desvenda corajosamente no tribunal da historia as infamias tenebrosas da infanda seita que ha mais de seculo traz o mundo em convulsões, dá-nos o sr. Antonio Dourado em lingua portugueza outra obra preciosa do mesmo escriptor, dispensadora de reclames, pois em demasia a vemos recommendada na extracção prodigiosa que obtivera em França.

A' simillhança das obras de Bressiani, talentoso Jesuita auxiliado pelo rei Carlos Alberto em confundir os carbonarios da Italia una, apparece-nos agora o presente volume, cujos dois primeiros fasciculos foram ha pouco distribuidos aos assignantes. Sob a forma

atrahente do romance conseguiu o intrepido converso, de parceria com um talentoso collaborador, patentear nua e cruamente as atrocidades d'essa classe de gente, actualmente presidida em Portugal pelo sr. Visconde de Onguella.

A obra constará de oito fasciculos a 100 reis cada um, devendo os pedidos ser feitos ao sr. Antonio Dourado—Editor. Rua dos Martyres da Liberdade, 113—PORTO.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Gulosos

(Vid. p. 155)

 GRAVURA dispensa descripção. Tam ao vivo reproduziu o artista a idéa que desejava manifestar, que a mais superficial observação transmite ao nosso espirito a philosophia do inspirado pincel.

Dois malandrins, da ralé viciosa e rude, na phrase de Castilho, regalam-se, qual mais, das guloseimas de que ia repleto o cabaz que transportavam.

A sua aspiração é o prazer; na satisfação dos sentidos é posto o seu maior empenho; viver deliciando a carne, eis quanto ambicionam.

Cedo se alistam no exercito de Epicuro.

Se n'aquella idade não vem mão firme desvial-os do caminho encetado, teremos alli, quem sabe? dois grandes criminosos que a justiça terrena terá de encarcerar, ou dois ambiciosos notáveis que lesando o proximo por astucia refinada, cheguem á craveira d'aquelles ricos que, segundo Garrett, representam a substancia de mil desgraçados.

E qual será o maior d'estes males? O segundo por certo, que n'elle maior damno soffre a sociedade, quando o primeiro fôra já merecida punição do delicto praticado, punição seguramente levada em conta no tribunal supremo em que Deus em ultima instancia dará inerravel sentença.

Aos educadores cabe portanto prevenir ambos os desastres, impellido os jovens pelo caminho do dever, afeiçoando-os ao trabalho, incutindo-lhes amor ao sacrificio, mostrando-lhes que levar a cruz é cumprir a missão imposta por Jesus Christo, e merecer, após ella, a recompensa dada aquelles que pelo soffrimento souberam merecer o triumpho.

S. Bento, Patriarcha dos monges do Occidente (1)

(Vid. p. 161)

Uma das glorias contemporaneas da Igreja, na Inglaterra, o venerando Padre William Faber, cujas obras de tanto saber e tam fundamente piedosas teem sido a causa de milhares de conversões, diz-nos «que outra cousa não sendo o Evangelho que uma lei de amor, não devemos contentar-nos sómente de salvar a nossa alma, senão tractarmos de fazer algo, por obras e orações, em favor da alma de nossos irmãos».

Muitos seculos antes, inclinando a fronte sobre o mesmo Evangelho, alli descobrira esta verdade um joven, nascido no regaço da nobreza, entre os mimos da opulencia, de carreira facil ás maiores grandezas do seculo.

Para salvar-se, pois, intentou trabalhar para os outros.

Deixou os desvarios da cidade, abandonou a sua terra, apartou-se de parentes, esqueceu a casa de seus pães, e partiu, animoso, em demanda da terra que o Senhor lhe mostrou (2), o ermo ignorado do Cassino, onde na oração e na penitencia, acrysolou as virtudes proprias para depurar as dos outros. A Regra sábia que alli meditou, assombro de Gregorio Magno, de Bernardo, do Veneravel Beda, de Pedro Damião, Bruno, e Thomaz d'Aquino, fôra a armadura potente de que vestiu os lidadores do bem, que proseguindo dia a dia na conquista do céo, deixaram em cada nação, em cada provincia, em cada cidade, na encosta das montanhas ou no descampado, um monumento immorredouro de sua passagem. Essa Regra, reunindo no mesmo gremio, por vinculo de amor, milhões de almas generosas, povoou de sanctos a celeste Jerusalem e velou a terra n'um manto de beneficios.

A pag. 57 da nossa Revista apontamos rapidamente algum bem praticado entre nós. Antes de 34, a Ordem Benedictina dava hospedagem gratuita a todo o funcionario, militar ou civil, que lhe batesse á porta; pagava de contribuição ao Estado setenta contos de reis; dispndia dezoito em festividades; accudia com facultativo, remedios e alimentos aos pobres dos contornos; distribuia em esmolas, annualmente, dóze mil moios de cereaes e em annos de

(1) A gravura reproduz a imagem venerada no convento de Sancto Thyrsó, actualmente festejada pelo benemerito Conde de S. Bento com um esplendor jamais visto em Portugal.

(2) Egre dere de terra tua, et de cognatione tua, et de domo patris tui, et veni in terram quam monstravero tibi. GEN. 12.

maior penuria chegou a gastar vinte e quatro mil moios. Orçavam por mil os creados a seu serviço.

Tudo isto desapareceu!

A Regra porém ali está, com a mesma pureza, a mesma unção, a mesma vida, o mesmo espirito. Não a apagou o jacto de penna de Joaquim Antonio d'Aguiar. Hemos de vel-a ainda produzindo heróes como outr'ora e soerguer monumentos que assombrem os seculos. A meditação do solitario do Cassino ha de continuar, porque aquelle Patriarcha bemaventurado foi dada uma familia numerosa como as estrellas do céu e areias das praias (1). Se o trabalho para si se suspendeu com eterno descanso, o trabalho para os outros entrará outra vez, como esperamos, em novo periodo de fecundação, crescimento e fructificação prodigiosa.

Nas catacumbas

(Vid. p. 167)

Levada pelos Apostolos a doutrina de Christo ás varias regiões do orbe, e entre ellas a Roma, capital então do mundo, as almas, sedentas de verdade, affluíam de toda a parte a alistar-se sob a bandeira do Crucificado.

Onde maior numero havia de opprimidos, mais crescia o dos adoradores d'aquelle Jesus, que a si convidava os que viviam em tribulação.

Na treva mais densa do paganismo romano fulgia n'umas reverberações consoladoras a aurora auspiciosa da redempção, e o Evangelho objectivava-se em toda a sua pureza no viver angelical dos primeiros christãos, repartido entre o trabalho, a oração e a practica das mais sublimes virtudes.

Este proceder admiravelmente intrepido, contraste perenne com as torpezas pagãs, accendera odios violentos nos seios libidinosos dos idolatras incensadores dos Cesares, e originara as hecatombes dos milhões de martyres, cujo sangue glorioso fez alluir o throno dos despotas e escreveu a pagina mais refulgente da historia da Egreja.

As catacumbas foram então o refugio dos perseguidos.

Imaginai uma cidade subterranea, diz Monsenhor Gaume (2), de muitas leguas de extensão, com seus diferentes bairros, designados por nomes celebres, occupados por numerosos habitantes de toda a idade, sexo e condi-

ção, com praças publicas, encruzilhadas, capellas, egrejas e pinturas, formando tudo um vivo quadro da fé e disposições das gerações que alli habitavam: suas innumeraveis ruas ou galerias, erguidas umas sobre outras, em numero de quatro e cinco, ora baixas e estreitas, ora altas e largas; correndo aqui em linha recta, acolá encurvando-se e rodeando sobre si mesmas, abertas em todos os sentidos, entrecortando-se e encrusando se nas mil veredas d'um labyrintho immenso. Eram estas galerias, praças, e capellas, alumiadas exteriormente, de distancia em distancia, por aberturas praticadas até á superficie do terreno, illuminadas interiormente por milhares de lampadas de barro, ou bronze, da feição d'uma naveta. Estavam por toda a parte, á direita e esquerda, desde o chão até ás abobadas, tumulos talhados horisontalmente nas paredes das galerias; cuja extensão e multiplicidade era tal que, se se estendessem em linha continuada, formaria uma rua de tresentas leguas de comprimento, bordada por seis milhões de tumulos. Imaginai pois alli os primeiros christãos, nossos paes e modellos, puros como os anjos, obrigados a esconder-se, para escapar aos contagios e furor da velha sociedade; offerecendo, com os santos mysterios, suas supplicas e lagrimas ao Senhor, já para dispor-se ao martyrio, já para obter a salvação de seus suberbos perseguidores, cujos aureos estrepitosos carros rodavam sobre suas cabeças; imaginai tudo isto; deixai-vos possuir das emoções da fé, e fareis idea das catacumbas nos dias da nascente Igreja.

«A palavra Catacumba, em geral, quer dizer subterraneo, cemiterio, e applica-se na phrase religiosa a essas vastas escavações, onde os primeiros christãos buscavam asylo contra as perseguições, e onde davam sepultura aos corpos de seus irmãos e martyres. Havia Catacumbas em grande numero de cidades, taes como Napoles, Syracuza, Carthago, Alexandria e outras. As de Roma são as mais famosas e veneraveis, porque esses immensos subterraneos são a obra exclusiva de nossos paes na fé.

«Primeiramente serviam ellas de retiro aos fieis. Tanto que o edicto de proscricção se publicava, viam-se os christãos, tomando o conselho de seu divino Mestre, sair de suas casas, sepultar-se vivos n'aquelles vastos cemiterios. Alli prostrados, em redor dos tumulos dos martyres, pediam elles uns para os outros a graça de os imitarem; alli recebiam, com tal fervor que só Deus pode avaliar, o pão dos fortes e o vinho que gera as virgens; alli, finalmente, aquelles que ainda não eram baptisados recebiam o primeiro de todos os

sacramentos; ouviam em assemblea, com respeito e recolhimento, as instrucções do Bispo (1), em cujo corpo algumas vezes brillavam os vestigios do martyrio. Era assim tambem que os filhos dos Patriarchas assentados debaixo da palmeira do deserto, escutavam a voz do velho, encanecido dos annos.»

Hoje que umas miseraveis considerações pelo respeito humano a tantos inibem de mostrarem-se leaes ao seu Deus, é conveniente a meditação do sacrificio de nossos antepassados, para em presença de sua louvavel heroicidade, practicada por homens e mulheres, velhos e creanças, nobres e plebeus, córarnos vergonhosamente de nossa infame cobardia e lembrarmos-nos que, a ser discipulos de Christo, nos cumpre a honra de confessal-o com desassombro diante dos homens, para por Elle um dia sermos confessados perante o Pae celestial.

Julho—11.

R.

SECÇÃO NECROLOGICA



No Seminario de Sancto Antonio e S. Luiz Gonzaga, de Braga, falleceu, pela 1 hora da madrugada de domingo, 28 do passado, o rev.º José da Costa, ex professor e prefeito d'este estabelecimento. Era natural da freguezia de Longos-Valles, concelho de Monsão, e, ha sete annos se associára, cheio de dedicação e zelo, á obra humanitaria que faz a gloria do rev.º Joaquim Fernandes Lopes—o Pequeno Seminario.

D'uma illustração vasta, uma humildade profunda, uma paciencia extraordinaria, uma admiravel prudencia e superior sanctidade, era d'uma grande influencia nos destinos d'esta casa.

Os rapazes, sempre de má vontade contra o prefeito que os vigia e reprehende, chamavam-lhe n'uma confissão frisante de verdade sincera—o *sancto*. Esta canonisação pelas creanças, tam singela e tam sublime, jámais teve impugnadores nos comiciosinhos dos re-creios.

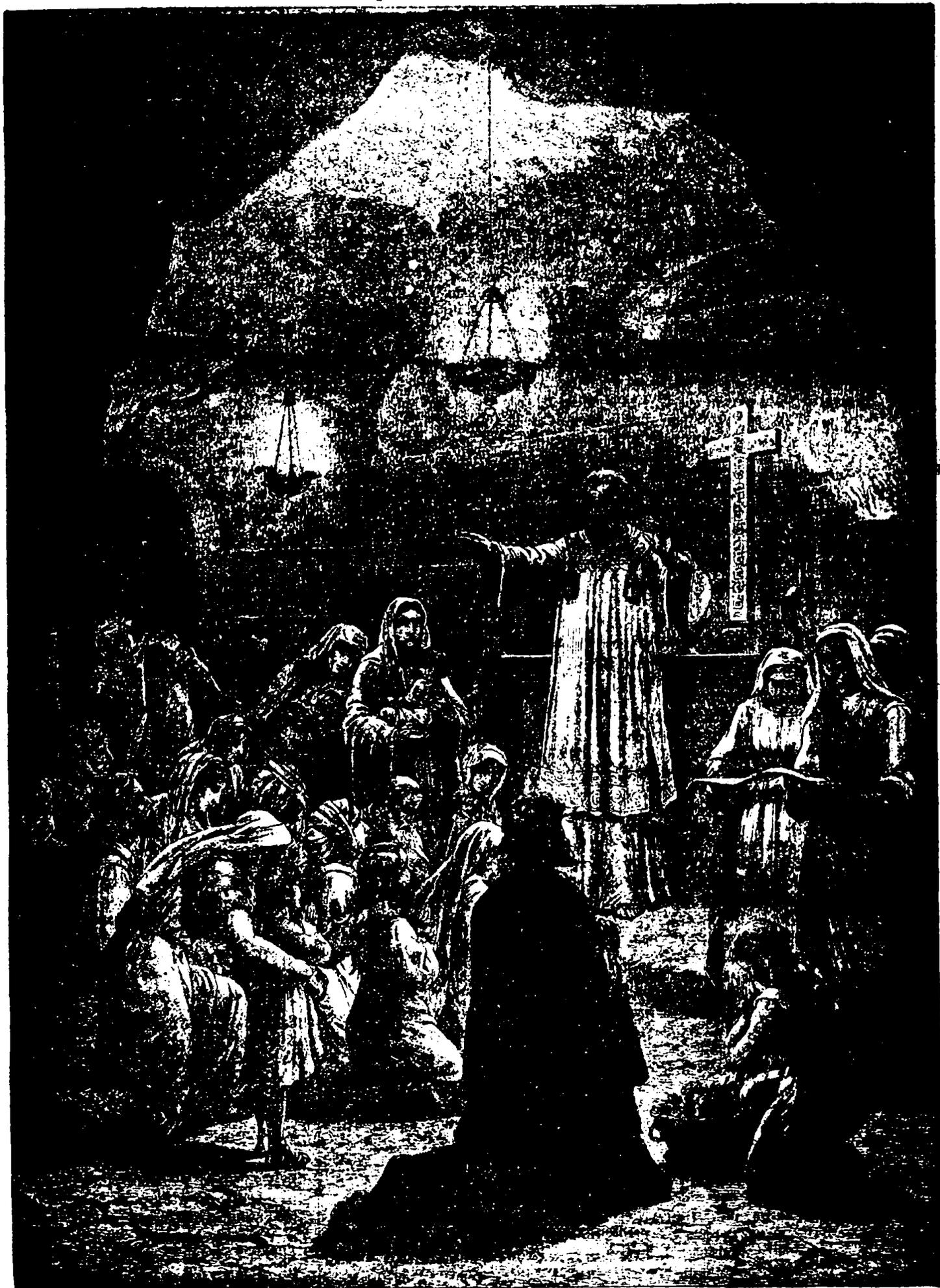
Leccionou com notavel proficiencia o *latim* e o *portuguez* que, ha um anno, abandonou para attender ao seu melindroso estado de saude, ficando simplesmente como prefeito dos estudos.

Que serenidade a d'elle quando presidia na respectiva sala!

(1) Vid. a gravura.

(1) Multiplicabo semen tuum sicut stellas coeli et sicut arenam quae est in littore maris.

(2) *Catecismo de Perseverança*, vol. VI, p. 177. Ha esta obra traduzida em portuguez e nenhuma familia christã devia estar sem a possuir. E' um riquissimo thesouro.



NAS CATACUMBAS

Subiam até á sua cadeira os alumnos de quasi todas as disciplinas, mas especialmente os de latim para a solução d'alguma difficuldade. Elle respondia com tanta modestia e simplicidade que assombrava, e era um alento para o interrogante se lhe dirigir affoutamente.

A sua doença pertinaz, que lhe ganhara tantos merecimentos que enfloram agora a sua corda no céu, aggravava-se com notavel intensidade. Ha pouco mais de tres semanas caiu de cama para não mais se erguer.

Vissem-n'o estendido no leito, sereno como a serenidade do justo, paciente, com um sorriso de bondade a brincar-lhe nos labios, ao mesmo tempo que as dores physicas o cruciavam implacavelmente.

Retiravam se os padres companheiros que lhe consagravam uma respeitosa amizade e admiravam muito as suas virtudes. Elle, sosinho, orava. Quem escreve estas linhas teve um dia a talvez censuravel curiosidade de espreital-o pela fenda da porta do seu quarto e viu-o—bella posição!—com o crucifixo encostado aos labios e os olhos elevados ao céu n'uma attitude de prece fervorosa.

Commungava quasi diariamente.

No sabbado, vespera da festividade da Pureza da SS. Virgem, o seu estado era perigoso.

Era o preludio do desenlace fatal já resignadamente esperado. A tarde, conhecendo toda a gravidade da doença, pediu para lhe chamarem o rev.º Bento José Rodrigues a quem tinha anticipadamente pedido para lhe assistir no seu passamento.

Depois entrou n'uma prolongada prostração. A meia hora depois da meia noite perguntou ao rev.º Joaquim Fernandes Lopes quantas horas eram, e em seguida á resposta disse—*Esta bom!* Meia hora depois, expirava.

Quando ao toque a despertar a comunidade soube da perda do seu sancto—a cujo quarto chamava com muila graça—o oratorio—ensombrou-se-lhe a alma de saudade, e n'um silencio profundo, n'um recolhimento de religiosos, foi ouvir a missa da manhã.

Pelos corredores passava triste e commovida.

Foi o cadaver depositado na capella do jardim, onde esteve até á hora do acompanhamento ao cemiterio.

Seminaristas, dous a dous, de joelhos junto ao catafalco, resavam o terço n'um tom vibrante de dôr e devoção.

Pagavam-lhe assim um tributo de saudosa amizade! Como é bella a prece da creança, que merecimentos não terá deante do Jesus dos pequeninos!

Se aquella alma candida como uma açucena, bella como uma rosa d'abril,

pura como uma alvorada de maio e sancta como a virtude, precisasse das nossas orações, não as teria mais agradaveis.

Na segunda-feira pelas 5 e meia horas da tarde foi levado ao cemiterio pelos presbyteros seus collegas que, á porfia disputavam tal serviço; pegavam ás fitas os ex.^{mos} vigario geral, dr. Mariz, dr. João Nepomuceno Pimenta e rev.º Francisco Duarte de Macedo. Ao lado do caixão o rev.º José Dias, amigo intimo do fallecido, director do collegio do Espirito Sancto, rev.º Rulhe, rev.º abbade de Padim e mais alguns presbyteros; depois, todo o seminario, collegiaes do seminario dos orphãos, officina de S. José e particulares. Na capella do cemiterio, os alumnos do seminario, sob a regencia do seu digno professor D. Prudencio Piñero cantaram o *Libera-me*, uma commovente e bella composição.

Depois..... foi escondido na sepultura. Uma commoção violenta attenuada comtudo pela convicção de que almas como aquella tem direito ao céu e á admiração dos que ficam guardando a grande lição da virtude.

Era necessario que se dissesse isto agora que avultam as pomposas consagrações civicas, aliás muito justas ás vezes, mas incomparavelmente inferiores ás que merece a virtude.

Um padre do Seminario.

SECÇÃO LITTERARIA

Ao convento de Santa Clara

Conventos, quem vos não ama,
Inda que não vos habite,
Tenho, por Deus, um palpito,
Que não sabe o que é amar:
Porque sois bons por essencia,
Como nobre pensamento
Que sobe a cima do vento,
E vai no céu descançar.

O abstracto sois e o concreto
Da industria e prudencia humana,
Consequencia soberana
D'um conjunto—*amor e fé*:
No centro dos arraiaes
Sabeis formar um deserto,
E tendes o céu aberto
Vivendo da cruz ao pé.

Ereis amparo e conforto
E, muitas vezes, abrigo
Do pobre, triste e mendigo,
Do naufrago a salvação:
Déstes luz ao mundo inteiro
De sciencias, industria e arte,
E fostes, por toda parte,
O farol da illustração.

Vós dos áridos desertos
Fizestes parques altivos,
E de pantanos nocivos
Hortas, bosques e jardim:
Vós trasladastes as plantas
D'um polo para outro polo,
E por vós ao nosso solo
Vieram riquezas sem fim.

Conquistastes mil bandeiras
Pelas terras africanas;
Nas praias americanas
Icastes Quinas e Cruz.
Oceania e Asia bellas
Nos fizestes tributarias;
E d'empresas legendarias
Fostes norte, fostes luz.

Deixastes nas bibliothecas
Livros de sciencia repletos,
E na estante dos coretos
Notas da arte mais subtil,
Mas agora; (sanctos céos!)
Tudo em vós, triste e soturno,
Nos diz, que chegou por turno
A vossa lição senil.

Sobre a torre solitaria
O bronze não mais suspira;
Do incenso apagou-se a pyra
Em o templo do Senhor;
De vez calaram-se os echos
D'esses canticos sonoros,
Que enchiam os vossos coros
De religioso esplendor.

Apenas de longe a longe
Do mundo, como esquecido,
Póde achar o nosso ouvido
Da psalmodia um debil som:
E' o da velhinha abbadessa
Entre o côro das pupillas,
Que dá gosto e pena ouvil-as,
Como o fim do que era bom.

Terminará, não sabemos,
O que tinheis vós d'humano;
Mas o timbre soberano
Se não quebrará de Deus;
Ha de brilhar a legenda
Que Elle poz em vossa essencia,
E, embora o mundo, a innocencia
Vos conservarão os céos.

Essencia do Christianismo
E primor do Omnipotente,
No mundo estara patente
A's almas para as salvar:
Passarão as dynastias,
Os sceptros, mais o diadema;
Mas não passará o systema
Que Jesus veiu implantar.

Esse tom grato e suave
Da obediencia e da pureza,
Da voluntaria pobreza
O inestimavel valor,
Apezar das densas nuvens
Do systema d'Epicuro,
Foram e serão seguro
Caminho de paz e amor.

E jámais faltarão n'elle,
Sem cessar, os viandantes
A buscar, como outros antes,
Prazeres d'outra região;
Prazeres do céo na terra,
Que Jesus nas almas puras
Derrama, e de mil venturas
Feliz complemento são.

Villa do Conde, 30 d'agosto de 1890.

Dr. J. R. C.

RETROSPECTO

Chronica

Portugal.—A lei de meios foi approvada, obtendo por ella os poderes governamentais liberdade assás ampla para as despezas já feitas e a fazer. Em vão lembrou a Associação Commercial do Porto a necessidade de restricção nas despezas; mas este preceito de penitencia não merece admissão no decalogo governamental.

—Novo tractado, de determinação de fronteiras, foi assignado pelo nosso governo. O tractado, segundo o costume, foi novo cerceio nos dominios portuguezes. O Estado Independente do Congo foi agora o locupletado á nossa custa.

—O snr. Conde Casal Ribeiro, na sessão de 4 de julho, advogou a necessidade das Ordens Religiosas para as colonias.

Esta idéa salvadora—única (digam quanto quiserem os adversarios d'ella) que poderá ser a defesa de nossos dominios—vai alcançando propagadores notaveis nas assembléas legislativas, e esperamos vel-a triumphar um dia.

Já na sessão de 11 de junho, com relação ao art. 10 do tractado inglez havia dicto o snr. Marquez de Pombal: «Vamos ver a nossas possessões invadidas por missionarios protestantes, que além de propagarem uma religião que justamente reputamos falsa, empregará cada um d'elles quantos meios possa para nos malquistar com os indigenas e afeiçoal-os á Inglaterra. Todos sabem que uma das principaes origens do conflicto foram as exigencias dos missionarios escocезes de Blantyre. Em nosso paiz, e fóra d'elle, ninguem ha que occupando-se de assumptos coloniales, não reconheça a necessidade das missões como meio civilizador, e as Ordens Religiosas como as unicas que allidem prosperar e consolidar-se.»

Esta é a verdade, e verdade comprovada pela historia da nossa colonisação e pela experiencia e exemplo de todas as nações do mundo. O snr. Julio de Vilhena, porém, conscio de ter mais seguro discernimento que os estadistas americanos, inglezes, hespanhoes, francezes, allemães, italianos,

et reliqui, anima-se a affirmar que a sua opinião é diametralmente opposta á do snr. Marquez. Lemos ha pouco n'uma folha liberal que os maiores inimigos da patria não são os estrangeiros, e assim é. Sem Christovão de Moura e os benemeritos de seu partido nunca Phillippe II poria na frente a coroa portugueza.

França.—O elemento catholico continua a impender ás formas republicanas. Os monarchas esqueceram a sua missão em face da Igreja e parece, por emquanto ao menos, os abandona a Providencia em punição de seus delictos. «Os chefes dos Estados—diz o soberano Pontífice na Encyc. *Immortale Dei*—devem ter por sancto o nome de Deus e pôr na conta de seus principaes deveres o de favorecer a religião, protegela com sua benevolencia, cobri-la com a auctoridade tutelar das leis, nada estatuindo ou decidindo em opposição á sua integridade.» Quaes os chefes que n'este ponto preenchem os designios divinos? Não nos admire pois vermos baquear os thronos, quando quem n'elles toma assento se esquece que de Deus lhe vem o poder que exercita.

Em França pois vemos agora a monarchia posta de lado.

Monsenhor Favá, bispo de Grenoble, um dos mais distinctos membros do episcopado francez, pôe-se á frente do movimento na sua diocese, e reivindica para os padres o direito de tomarem posição em defesa da Igreja sob o ponto de vista politico. «Tracta-se, diz o nobre antistite, de formar de todos os catholicos francezes um exercito que DEFENDA OS DIREITOS DE JESUS CHRISTO, REI DOS REIS.

«Para que nos não accusem de tramar insurreições, acceitamos a republica. Queremos um governo que em suas leis e sua acção, se inspire das crenças catholicas, confessadas pela grande maioria dos francezes, e não dos erros maçonicos, adoptados por um exigu numero.

«Esforçar-nos-emos por eleger como representantes a catholicos fleis em suas crenças e intelligentes na missão que tenham a cumprir.

«O segredo da victoria temol-o nas palavras do nosso veneravel Chefe: *Aquelle que quer vir após de mim, abnegue-se a si mesmo, tome a cruz e siga-me.* E' o egoismo que mata as empresas; é o esquecimento de si que assegura o triumpho *pela submissão aos chefes e ao regulamento.*»

Em 1836 escrevia Gregorio XVI ao joven conde de Montalembert: «A Igreja é amiga de todos os governos, qualquer que seja a sua forma, *com tanto que não opprimam a liberdade.*»

Na França a vemos agora acompanhar a republica, que posta em mãos de homens de fé, póde, no meio da Europa, dar exemplo de como a harmonia entre o Estado e a Igreja é a mais firme garantia da felicidade dos povos.

A união dos catholicos é cada vez mais estreita. Admiravamos quantos prodigios a união produz no centro allemão e no partido catholico belga, mas talvez mui cedo tenhamos igual exemplo exibido pelo povo francez. A commissão directora do partido catholico, (constituído sob o titulo de *União da França Christã*), reuniu em 19 do passado, e decidiu convocar em seu auxilio todas as pessoas dignas, *quaesquer que sejam suas opiniões politicas*, para de commum accordo defender e reclamation as liberdades civis, sociaes e religiosas de que estavam despojadas. Esta commissão, trabalhando sob os auspicios do Em.^{mo} Cardeal Richard, arcebispo de Pariz, é composta dos homens mais influentes entre os catholicos francezes, como Chesnelong, Luciano Brun, barão de Ravignan, Eugenio Veuillot, conde de Mun, etc. etc.

As primeiras eleições devem marcar uma epocha distincta na historia da França.

—Com relação á politica externa, a França acha-se em delicada conjunctura. Bem nos parece que os apertos em que se vê, providenciaes talvez, a levam a confiar-se inteiramente ao Papa, de quem, no dizer auctorizado do *Osservatore Romano*, tem a mais decidida protecção. Com a morte do principe Napoleão veiu a revelar-se que a triplice alliança era quádrupla alliança, pela secreta adherencia da Inglaterra, ostensivamente *amiga* da França, mas a *occultas muito de mãos dadas* com a Italia, Austria e Prussia.

Uma desvergonha ingleza como tantas outras.

A quádrupla alliança é devéras um perigo para as nações occidentaes, que mais tarde ou mais cedo hão de ver-se na imperiosa necessidade de se unirem. A Inglaterra tem-nos tractado a nós como a um povo escravo, e forte á sombra das comparsas, ludibria a França nas pescarias da Terra Nova, suscita-lhe embaraços com Marrocos relativos ao oasis de Touat, invade-lhe a sua linha de communicações, e lança olhos cubicosos sobre as possessões da Asia, America e Oceania.

Este estado de coisas colloca sobre a França a espada de Democles; e se a não viramos em marchas forçadas caminhando para a sua conversão, unidas agora ao appello dos bispos as forças catholicas, era de temer o vermol-a em pouco uma segunda Polonia.

A França é a primogenita da Igreja. Peccou gravemente, mas cuida em er-

guer-se abluída pela penitencia. Deus, como já vamos vendo, accudir-lhe-á, tornando-a forte contra os inimigos internos e inimigos externos, e n'esse esforço supremo bem pôde ser que a nação christianissima se veja então ladeada por Hespanha e Portugal, nações catholicas, da mesma raça, não tam desvairadas, politica e religiosamente falando, como a infeliz Italia.

Seja emfim, como fôr, a regeneração da França, influirá poderosamente nos destinos da Europa e no bem da Igreja.

Hespanha.—Visto que as condições especiaes de cada povo aconselham a forma de governo que mais lhe convém, aqui é a monarchia que vemos radicar-se.

Entre as varias obras que poderiamos notar como nascidas do ardente zelo do espirito apostolico do episcopado hespanhol, sobresai uma que deve honrar a nossa humilde chronica. O ex.^{mo} dr. D. Salvador Caños y Pagés, digno bispo d'Urgel, acaba de publicar uma pastoral que é um monumento de erudição philosophico-theologico-christã, sobre a virtude da obediencia.

É um verdadeiro tractado especalista relativo a esta materia.

Sobre monumentos abundantes biblicos, documentos de Sancto Thomaz e S. Bernardo especialmente e de muitos outros, faz-nos apparecer esta virtude como o rasgo mais graphico e distinctivo do catholicismo. Não ha unidade sem obediencia; não ha igreja sem unidade. Não ha virtude sem a practica do amor de Deus; não ha practica do amor de Deus sem respeito à sua lei. Não ha respeito à lei de Deus sem obediencia; não ha pois outra virtude alguma que não tenha por base esta virtude.

Clama pois o prelado contra todos os que murmuram, escarnecem, desprezam, ou procuram que outros desprezem a auctoridade, e faz sentir que estão fóra de todo o espirito christão e animados, consciente ou inconsciente, pelo echo d'aquella voz que se ouviu dizer uma vez no céu—*Non serviam.* Faz-lhes notar que, embora elles sejam perfeitos e a auctoridade imperfeita, não haverá tanta distancia entre a sua perfeição e a imperfeição d'aquella, como havia entre a perfeição de Jesus e a imperfeição de Tiberio, a quem Jesus obedeceu, para honra de sua perfeição e ensino nosso.

Noticias

Aos nossos dignos assignantes, rogamos que ao dirigirem-se à administração da nossa Revista, indiquem sempre o numero que vai na cinta do jornal. Esta indicação é de notavel vantagem.

Noticias do Funchal.—Graças a Deus já se realisou n'esta cidade a procissão do Sagrado Coração de Jesus com notavel esplendor e devoção.

Era vergonhoso para os Funchalenses fazer-se esta procissão em muitas freguezias ruraes e não na cidade, onde esta devoção tem o seu Centro, e reside o director diocesano. Foi a freguezia urbana de Santa Maria Maior que coube a honra de iniciar aquelle acto religioso. Pela primeira vez percorreu triumphantemente a bella imagem do Sagrado Coração as ruas da terceira cidade do reino, levada piedosamente aos hombros de 6 jovens diaconos, como para tomar posse d'ella e abençoal-a; o andor ia profusamente ornado de flores. Realçavam grandemente esta procissão duas longas filas de creanças, vestidas de branco, com corôas de rosas encarnadas, symbolo bem expressivo do divino coração. De manhã, tinham recebido a primeira communhão a maior parte d'estas creanças, previamente preparadas pelo respectivo parcho e dois jovens sacerdotes.

Louvores a Deus. Quasi todos os nossos parchos se esmeram para que a primeira communhão se faça de anno para anno com mais piedade e preparação, pois é este certamente o acto mais importante e decisivo da vida de qualquer creança.

Foi um verdadeiro milagre do Sagrado Coração de Jesus poder-se fazer tambem este anno a devoção do seu mez na igreja do extincto convento de Santa Clara. Pois poucos dias antes aquella mesma igreja offerencia o mais triste espectáculo. Como se tivesse sido invadida por hordas de selvagens sem a mais ligeira noção de Religião, tinha sido despojado e aberto o sacrario, desnudados os altares, apeados os Santos Christos e outras imagens, arrumados para os cantos, como cousas vis, objectos da maior veneração; em fim appareceu então aquella tão bella e sympathica igreja um triste armazem. Felizmente, à ultima hora, obteve-se do governo, que a igreja ficasse entregue à Irmandade de N. S. dos Passos d'esta cidade, que tratou logo de restaurar o templo profanado. No proprio dia da Festa do Coração de Jesus foi a digna Associação Catholica do Funchal que tomou à sua conta os actos religiosos que foram solemnissimos e muito edificantes.

2—7—91. *Um Funchalense.*

Mais noticias do Funchal.—Tivemos occasião de observar,—dizem-nos d'aquella cidade—quanto é verdade a affirmação d'um republicano impio na camara dos deputados em Pariz, que «a irreligião é boa para a França, mas não deve ser artigo de exportação.»

Esteve aqui um navio de guerra francez durante perto d'um mez; aquelles que em França perseguem a religião com tamanha cegueira, não deixaram comtudo de dar um zeloso capellão a esta fragata. Todos os domingos houve missa a bordo, para a qual foram convidadas pelo commandante varias pessoas d'esta cidade. Causou impressão o grande respeito com que a officialidade e tripulação assistiam a estes actos. No fim da missa 3 ou 4 marinheiros entoaram um hymno para implorar a benção e protecção de Deus, o qual foi repetido immediatamente pela tripulação toda.

N'uma excursão maritima a fragata foi para a nossa ilha visinha de Porto Santo, onde o commandante e mais officiaes visitaram o que houve de mais interessante, não deixando de visitar a igreja parochial, e dando alli provas bem frisantes que não se envergonhavam de ser bons e fervorosos catholicos, com bastante admiração dos nossos militares que os acompanhavam.

—No meio de tão grande falta de clero que por toda a parte se resente em Portugal, é consolador ver no Funchal este anno 8 theologos terminar seu curso theologico, bastando, termo medio, 3 padres novos cada anno para esta pequena diocese.

—No Seminario do Funchal não deixou de haver um piedoso Triduo em honra do angelico Protector da Juventude, especialmente da juventude ecclesiastica. Não houve grandes pompas mas bastante piedade e o nosso amado e incançavel Prelado fechou pessoalmente o Triduo com fecho d'ouro, dirigindo aos Seminaristas uma muito substanciosa e muito paternal allocução antes de se entoar o «Te-Deum» do encerramento.

O Seminario de S. Antonio e S. Luiz Gonzaga, de Braga—recebeu no mez de junho findo 38\$500 reis de esmola. Abençoada caridade.

Albergue do Clero.—Na sessão do dia 2 de julho, Monsenhor Santos Viegas, pediu para a *Irmandade dos Clerigos Pobres, os annexos do Convento de Santa Martha.* As razões em que o illustre deputado fundamentou o seu pedido, não de calar no animo do governo, porque são de todo o ponto justas.

Albergue de Santa Martha.—Tem estado em Lisboa o senhor Bispo de Cochim. S. ex.^a hospedou-se no Albergue do Clero.

Um caso tragico.—O *Primeiro de Janeiro*, de 9 do corrente, conta-nos o seguinte:

«Escreve-nos, em data de 8, um digno funcionario da Pesqueira:

«Hontem, n'esta villa, succedeu um caso verdadeiramente extraordinario.

«Uma filha, em meio de uma altercação violenta com sua propria mãe, levantou o braço contra a auctora de seus dias, uma pobre velha, doente e quasi cega. No mesmo instante, caiu redondamente morta, ficando com o braço levantado em attitude ameaçadora, e tam hirto n'esta posição que foi preciso um grande esforço para o descer á posição natural!

«Depois, o seu corpo fez-se negro como carvão, tornando-se necessario sepultal-o n'aquelle mesmo dia.

«Este factó é tido por toda a gente d'aqui como um grande castigo, que deve servir de exemplo aos filhos máos, que ousam levantar o braço contra seus paes.

«Quem escreve estas linhas foi ver a desgraçada, que, em verdade, causava horror.»

Até aqui o *Janeiro*. Pessoa da maior confiança confirma-nos pessoalmente tam pavoroso acontecimento. A infeliz, que era solteira, morreu de noite. Vivía vida desgraçada, cobrindo o mesmo tecto o leito de seus desvarios (estava peccaminosamente acompanhada na mesma occasião em que falleceu!) e a pobre enxerga da mãe, posta no chão, a um canto escuro do albergue!!!

Como n'este escandalo de proceder era de suppor, amiudadamente brigavam a mãe e a filha, e esta, antes de fallecer, como dizem as visinhas, ameaçara a mãe e lhe descarregara açoites!

O cadaver ficou tam disforme e entrou n'elle tam depressa a corrupção, que urgiu sepultal-o a toda a pressa. Terrível morte!

Veja-se que enorme perigo é o peccado e como um abysmo cava sempre outro abysmo!

Os dignos parochos teem aqui um exemplo para mostrarem aos transviados, aos máos filhos, e talvez aos máos paes que nada cuidam de educar christamente, que se Deus castiga d'este modo na vida presente, que pavorosos não serão seus castigos na vida futura!!...

Mações irritados.—Um jornal de Auxerre publicou em suas columnas os nomes dos mações da cidade. Parece que os heróes dos tres pontos deveriam ter-se por honrados de que fosse geralmente conhecida a singular nobreza de pertencerem á seita. Não foi porém assim: bramiram como possessos e chamaram ao tribunal, composto de mações, o intrepido redactor. Não gostaram e bom foi que não gostassem: é que o publico lhes não desculpa ainda. Nem desculpará nunca, o labeu que pesa sobre elles. Por mais que, firmados na sua philosophia ôca, se esforcem

por fazer do homem o mais feroz dos animaes, a Igreja Catholica, com os recursos inexgotaveis que lhes confiou o Salvador, ha de preservar a humanidade do virus asqueroso do maçonismo.

Empregomania.—O systema liberal, fundado n'uma engrenagem famosa de dependencias e favoritismos, é uma importante força geradora do deficit que vemos cancerando todas as nações. Em França ha vinte vezes mais funcionarios que os que se tornam precisos para gerir os negocios publicos. La France, diz o investigador Drumond, est mangée, ruinée, epuisée par une armée de fonctionnaires qui vivent dans la fainéantise et la gêne aux dépens de ceux qui travaillent.

Em 1871 os funcionarios reformados eram 45:000, cujos ordenados subiam a seis mil contos! Em 1886 eram 80:000 e devoravam perto de dôze mil contos! O numero dos empregados, na data presente, passa de novecentos mil!...

Ora por detraz d'este grande exercito desponha outro maior, muito maior, de pretendentes. A empregos insignificantes concorrem oito, dôze e mais parasitas. Os lyceus e os collegios, diz o *Pélerin*, estão abarrotados de pedagogos, prefeitos e vice-prefeitos, nobilitados com o diploma de bacharel em lettras.

Mas ha mais. Os logares vagos supranumerarios nas repartições dos correios são actualmente quatrocentos, e querem os leitores saber quantos os candidatos a disputarem-os? DEZ MIL!!!

Os impugnadores, sandiamente selvagens, das congregações religiosas bradam contra a ociosidade de seus membros. Ociosos os frades! Que de communal absurdo historico!

E esta praga de vadios será de alguma utilidade á vida das nações?

Ora Portugal, *mutatis mutandis*, é n'este assumpto uma vernaculissima versão da França. Eguaes causas produzem eguaes effeitos.

Mez de Jesus em Guimarães.—Com grande affluencia dos fieis, notavel proveito espiritual d'elles, e edificação maravilhosa de todos, correram os exercicios do Mez de Jesus, na igreja de S. Domingos, com banquete eucharistico a mais de mil pessoas no dia 5 de junho, e festa magestosa, precedida de triduo, em 29 do mez.

O Apostolado, tam diffundido por todas as nossas cidades e quasi todas as nossas aldeias, com um enthusiasmo derivado dos céos, é hoje o laço de união que prende entre si os soldados de Christo e as servas de Jesus, fazendo de todas estas almas de eleição um só exercito, obediente ás inspirações de seu amantissimo Chefe. Ditosos, mil vezes ditosos, aquelles que incançavel-

mente se dedicam a augmentar cada vez mais as fleiras e tornal-as mais aguerridas no renhido combate contra o espirito das trevas.

Aqui, felizmente, ha cada vez mais vida revelada por mais abrasado fervor. As almas nobres, umas após outras, refugiam-se no Apostolado como seu verdadeiro, seu unico centro. Rara é a familia distincta que se não veja representada na phalange heroica das zeladoras.

Todo o mez foram os exercicios acompanhados a vozes e orgão com o Sanctissimo exposto á porta do sacrario, assistencia de muitos ecclesiasticos, pratica pelo Rev. Director, o que fazia encher-se litteralmente o templo, de tres naves, e um dos mais amplos da cidade.

A festa pois de 29 foi condigna corôa dos trabalhos do mez, e bem podemos dizer que quem n'ella se afanou é dilecto de Deus e dos homens e não faltará benção d sua memoria. (1)

No triduo e festa orou o Rev. Carlos Gouvêa, da Companhia de Jesus, escutado com o vivo interesse que desperta a palavra divina annunciada ao calor d'um coração dedicado e zeloso sempre pelo bem das almas.

O templo, em flores, luzes e telas, era um assombro; a communhão superior a mil e duzentas pessoas; a compunção em todas as assistentes; uma festa, emfim, d'aquellas em que o céu e a terra se confundem na adoração ao Omnipotente.

Um frade que sabe amar a Deus e a patria.—La Correspondencia Militar, referindo-se ao missionario hespanhol, da Ordem franciscana, Padre José Lerchundi, que em Marrocos tanto ha honrado a sua patria, diz o seguinte: «Todos os hespanhoes que por algum tempo se tem dedicado ao estudo dos assumptos marroquinos, hão de sentir, por força, viva sympathia ao respeitavel franciscano, que debaixo do aspero burel, n'um corpo enfraquecido pelas vigílias, encerra uma alma temperada ao calor da fé christã e do sancto patriotismo. Chega a um paiz desconhecido; graças ao estudo e á constancia, domina até á perfeição um idioma verdadeiramente difficil, esforço admiravel pelo trabalho e constancia que representa, em nada comparavel aos conhecimentos linguisticos d'esses adolescentes que, nascidos n'aquellas praias ou nas do Levante, aprendem á medida que crescem o idioma do paiz em que vivem. Publica mais o «Padre José» como o designam os mouros, uma notavel grammatica arabe, que, excessivamente modesto, intitula *Rudimen-*

(1) *Sapient*, 45.

os; funda em Tanger collegios de instrucção para alumnos de ambos os sexos, frequentados por membros de todos os cultos, estabelecimentos na verdade, não como a famosa Academia hespanhola de medecina, farça risivel e assumpto constante de mofa e satyra aos estrangeiros alli residentes.

O Reverendo Padre consegue multiplicar as missões na costa, e se as não leva ao interior é impedido por estorvos, de continuo preparados pela legação hespanhola; intrevem em muitas questões de character politico, e quando seus patrioticos e desinteressados conselhos são escutados, alcança-se sempre um triumpho diplomatico; pertencem-lhe as sympathias do sultão, por mais que *alguem suscite malquerenças entre os dois*; vem muitas vezes a Madrid, como interprete, ou acompanhando as embaixadas que amiudo se mandam de Muley Hassan, ou em desempenho d'alguma importante e reservada commissão que dirige e obtem da corte sherifiana; logra que uma representação marroquina preste homenagem a S. Sanctidade Leão XIII, etc. etc.

Se alguem o procura, sempre o acha sollicito; a sua modesta vivenda é a casa de todos os hespanhoes, e em se tractando de assumptos patrios não ha limites para sua abnegação e seu decidido apoio. E', em summa, frei José um ser por todos respeitado, geralmente bemquisto, que ha elevado o nome hespanhol á mesma altura em que por seu talento e virtudes sustem o seu proprio. A' Ordem a que pertence seu prestigio se deve, porque, em cumprimento de seus votos, se pobre chegou a Marrocos, pobrissimo é hoje e sel-o á para futuro.

* * *

Modelo de caridade.—Concebeu, diz La Dinastia (de Cadiz), o que foi nosso particular amigo D. Antonio Lopes, primeiro marquez de Comillas, o feliz pensamento de erigir em Comillas um seminario conciliar para n'elle se instruirem, sob direcção dos benemeritos Padres Jesuitas, os jovens hespanhoes que tivessem vocação para o estado ecclesiastico. Outro não foi o intento do mencionado senhor marquez que o de educar, consoante as exigencias actuaes, aos que affluissem áquelle cen-

tro de instrucção, de modo que de futuro houvesse um clero illustrado, á altura das circumstancias e dos progressos scientificos, que se vão operando nos tempos modernos. Para atingir estes plausiveis fins, o marquez de Comillas doava o edificio para o dicto seminario, subvencionando os professores que deviam dirigi-lo e custeando as despezas necessarias.

Apezar de tam nobre, não foi o projecto attendido, e o generoso marquez falleceu sem que o visse effectuado. Quando porém as obras se inspiram de fins tam elevados, atrahem as bençãos de Deus, que lhes abre caminho para sua completa realisação. Assim aconteceu na presente conjunctura: D. Claudio Lopes, filho do precedente, e sua esposa, actuaes marquezes de Comillas, dirigiram-se a Sua Sanctidade, doando-lhe um edificio em Comillas, cujo valor attinge a 250 contos, para alli estabelecer uma Universidade em harmonia com os desejos do saudoso extincto.

Os marquezes de Comillas, impetraram a benção do sancto Padre e certificaram-lhe que se compromettem á sustentação do professorado e ás demais despezas necessarias, bem como requereram a todos os bispos de Hespanha, envie alli cada um seis alumnos, cujos gastos serão todos á custa dos nobres marquezes.

S. Sanctidade abençoou esta obra magnanima e prometeu auxilia-la com sua paternal sollicitude.

Julho—12.

F.

VARIÉDADES

Licção de Mestre

Ha tempos, um digno abbade tomava assento n'uma carruagem de 2.ª, dirigindo-se da capital á sua parochia. Em movimento a locomotiva, abriu o sacerdote o breviario e começou a rezar. Um viajante, caixeiro ao que parecia, julgou o lance a proposito para desimbestar n'uma toada de sandices contra a religião e de improprios contra os padres. O bom do parcho nada respondia: depois de *Completas* tomou o terço nas mãos, e aqui ferve mais ainda a sanha do companheiro de viagem, que adicionou insultos a insultos.

—Perdão, snr., disse emfim o abbade. Digne-se esperar alguns minutos, e passados elles, estarei ao seu dispor: não perderá com a demora.

Estas sós palavras, proferidas n'um tom pausado e grave, foram assás para que o gracejador entupisse, mal sabendo que responder.

Passadas as contas, o padre, para ficar mais em face de quem o tinha injuriado, roga a um viajante o obsequio de ceder-lhe o logar.

—Agora, snr., eis-me inteiramente livre para dar-lhe a resposta que merece. Como padre, perdouo-lhe as gracolas que ingendrou contra a religião que eu professo e contra os ministros d'ella; mas como homem, venho pedir-lhe explicações, porque não é possivel desculpal-o, ainda que estiveramos... em plena republica.

O misero mal sabia para onde voltar-se, e a verborrhea d'ha pouco resumia-se agora n'uns monosyllabos que o engasgavam.

—A sua attitude, proseguiu seriamente o padre, revela-nos que está arrependido das insolencias que expectorou, ou que é simplesmente um cobarde!

Era de mais. O caixeiro, ora se punha amarello que mettia dó, ora se tornava rubro que fazia rir, sem força para sustentar o repto que lhe foi dirigido, mórmente vendo os circumstantes a gargalharem perante a licção de mestre que lhe fôra dada.

Vinte minutos decorreram assim, sem se animar o pobre a abrir bico. Era o termo da viagem do sacerdote, que em despedida lhe disse:

—Custa-me deixal-o tam cêdo, sem poder, deante d'um auditorio mais numeroso, declarar-lhe quanto desprêzo me inspiram os calumniadores e os cobardes. Mas deixo-lhe o meu cartão, onde escrevi o dia e a hora do nosso encontro, para que lhe fique em lembrança a licção que me obrigou a dar-lhe, e saiba que estou sempre ás suas ordens e ao dispor de seus collegas. Supponho que me entendeu.

Saudou o padre os outros viajantes e saiu, deixando o fallido insultador no meio d'umas aguilhoadas pungentes, que de futuro o tornarão ao menos mais cauteloso.

Cesar Carmo.

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS PRIMEIROS E TERCEIROS SABBADOS DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente—Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 18000 reis—Estados da India, China, e America, 18220 reis. moeda portugueza—Numero avulso 100 reis. Edição de papel de luxo, mais 200 reis.

As assignaturas são pagas adiantadamente, por um ou pelo anno.

O anno começa no 1.º sabbado de Janeiro

Tudo o que se refere á redacção seja enviado a MANUEL MARIA FRUCTUOSO—NEGRELLOS.

Tudo o que pertence á administração seja dirigido a José J. da Silva Guimarães—rua de Gil Vicente, 52—GUIMARÃES.